

A ESTAÇÃO FÉRREA E O BAIRRO SIMÕES LOPES: O USO DE RECURSOS LÚDICOS, COM ESTUDANTES DO BAIRRO, PARA A LEITURA DESTA RELAÇÃO

JULIANA AIDÊ BORTOLOTTI¹; ADRIANE BORDA ALMEIDA DA SILVA²

¹Universidade Federal de Pelotas – juliana.aidebortolotti@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas– adribord@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

O bairro Simões Lopes, em Pelotas, tem sua origem vinculada à ferrovia e à Estação Férrea inaugurada no ano de 1884. Entretanto, a desativação do transporte de passageiros, a manutenção da linha para o transporte de cargas, a ocupação da edificação com outras funções, as transformações urbanas, incluindo as ocupações ao longo desta linha, em particular por populações com vulnerabilidade social, tensionam esta relação histórica, com disputas econômicas, sociais, simbólicas e diferentes percepções de pertencimento dos moradores do bairro. Conforme Bicca (2021), a ferrovia, ao fixar-se na cidade, constituiu-se como um espaço multifacetado, marcado tanto por elementos materiais — estação, trilhos, vilas operárias — quanto por representações sociais, políticas e econômicas que impulsionaram formas distintas de urbanização. A localização do bairro, separada pelo traçado da linha férrea, fez com que o projeto inicial de caráter burguês fosse gradativamente transformado em um espaço popular, com a presença de habitações operárias e ocupações de baixa renda, revelando tensões na forma como o pertencimento ao território é construído.

Este trabalho apresenta uma atividade participativa com estudantes de uma escola do bairro, utilizando recursos lúdicos, que envolvem representações do lugar em diferentes formatos. O objetivo foi compreender como os jovens reconhecem e delimitam o bairro em que vivem, quais espaços consideram significativos e como percebem a influência da Estação Férrea sobre o território.

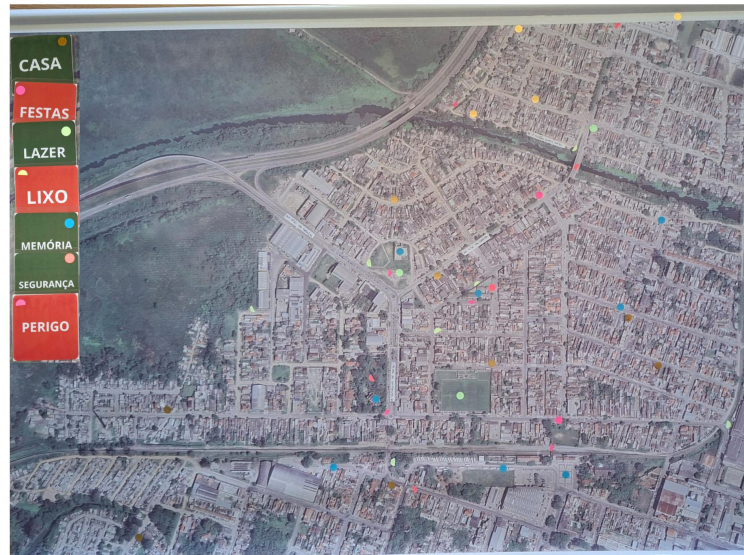
2. METODOLOGIA

A atividade foi realizada na escola Escola Dr. Augusto Simões Lopes, com estudantes do 3º ano do ensino médio. Para a dinâmica, utilizou-se uma **imagem aérea impressa do bairro Simões Lopes**, como base para o diálogo coletivo. Cartas, contendo palavras derivadas de pesquisa prévia (relatório Cidades Médias, 2024), tais como, casa, festas, lazer, lixo, memória, segurança e perigo, foram utilizadas como categorias do jogo. Cada estudante recebeu **pins adesivos coloridos**, correspondentes a cada categoria, para serem colados diretamente sobre o mapa, assinalando os locais que, em sua percepção, melhor representavam cada uma. O procedimento teve início com a local de sua casa, etapa que destacou a centralidade do espaço doméstico como ponto de referência na leitura do território.

Após as marcações, promoveu-se uma **roda de conversa** para discutir as escolhas, interpretar os padrões de distribuição espacial e refletir sobre os limites percebidos do bairro. Como complemento, foi proposta a pergunta: “*Se viesse uma pessoa especial visitar vocês, para onde a levariam no bairro?*”, o que possibilitou

identificar os espaços que os jovens consideram significativos, seja por valor histórico, simbólico ou por seu uso cotidiano.

Figura 01: Cartas e mapa usados para a dinâmica - Fonte: autora



3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A linha férrea foi majoritariamente reconhecida pelos estudantes como o limite físico e simbólico do bairro, frequentemente descrita como “o bairro vai só até os trilhos”. Apesar dessa percepção majoritária, alguns estudantes consideraram que o bairro se estende além desse limite, chegando até à avenida Saldanha Marinho e rua General Osório. Essa leitura revela como a delimitação simbólica do Simões Lopes pode variar.

Para muitos, a Estação Férrea, por estar localizada além dessa barreira, não é considerada parte integrante do Simões Lopes. Segundo Schmitz (2013), as estações ferroviárias, embora implantadas como centralidades urbanas no século XIX, muitas vezes perderam essa função simbólica com a decadência do sistema ferroviário. Tal perspectiva ajuda a compreender por que os estudantes, apesar de reconhecerem a Estação Férrea como referência, a situam fora dos limites do Simões Lopes. Essa percepção contrasta com a leitura do canal Santa Bárbara, que, embora seja um elemento natural marcante na paisagem, não foi identificado como limite territorial.

A diferença entre esses dois elementos revela como a ferrovia, por seu caráter de barreira material e social, é interpretada como fronteira concreta, enquanto o canal não assume esse papel na experiência cotidiana dos jovens. Essa leitura encontra respaldo em Lamas (1993), que demonstra como a morfologia urbana, ao estruturar barreiras e continuidades, influencia diretamente a percepção coletiva dos limites do território.

No uso das cartas temáticas, os alunos apresentaram percepções distintas sobre diferentes dimensões do bairro. Em primeiro lugar, todos identificaram suas residências no mapa, o que evidenciou a centralidade do espaço doméstico como referência inicial de pertencimento e leitura territorial. Quanto às áreas de lazer,

apontaram a ausência de espaços adequados, relatando a necessidade de deslocamento para outros locais da cidade. Nesse contexto, mencionaram com frequência a “quadrinha”, localizada em um novo loteamento que não aparecia no mapa levado para a atividade, o que reforçou a noção de que os limites do bairro Simões Lopes, tal como representados, não contemplavam integralmente os espaços vivenciados pelos alunos.

A categoria “lixo” trouxe relatos de acúmulo de resíduos espalhados pelo bairro, desde sacolas plásticas até áreas utilizadas como aterro. Já na categoria “perigo”, as marcações foram generalizadas, revelando uma percepção de insegurança difusa. Foram destacados, em especial, o entorno do estádio — mesmo em dias de jogos —, a volta da escola e a passarela sobre os trilhos, considerada perigosa por ser escura, isolada e de difícil saída em caso de risco.

As memórias evocadas pelos alunos relacionaram-se a experiências de perda e mudança no espaço urbano. Foram mencionados episódios de tiroteios, o fechamento de uma rua antes utilizada para brincadeiras, a demolição de uma praça e a percepção de que “antigamente era mais limpo”. Esses relatos mostram como a memória coletiva é atravessada por narrativas de violência, de desaparecimento de espaços de convivência e de transformação ambiental.

Figura 02: Mosaico de fotos das atividades realizadas - Fonte: autora



Quando perguntados sobre onde levariam uma pessoa especial para conhecer o bairro, as respostas revelaram tanto referências patrimoniais quanto lacunas na oferta de espaços coletivos. Os locais mais citados foram a “**quadrinha**” (4/14 menções), espaço esportivo improvisado em novo loteamento não representado no mapa levado à escola; o **Castelo Simões Lopes** (3/14 menções), símbolo histórico associado à memória coletiva; e a **Estação Férrea** (3/14

menções), que, embora vista por parte dos alunos como “fora do bairro” por estar após os trilhos, permanece como marco de identidade. Também foram citados a pracinha próxima à UBS (1/14 menção) e, em contrapartida, alguns estudantes afirmaram que **não levariam ninguém a lugar algum dentro do bairro** (3/14 menções).

Esse conjunto de respostas evidencia uma **dualidade**: de um lado, a valorização de marcos históricos e patrimoniais (Castelo e Estação) e de espaços cotidianos de sociabilidade juvenil (Quadrinha, pracinha); de outro, a percepção de ausência de locais qualificados para lazer e convivência, traduzida nas respostas negativas. Essa ambivalência reforça tanto a importância da memória como referência simbólica quanto a carência de equipamentos urbanos que sustentem práticas coletivas contemporâneas no bairro.

4. CONCLUSÕES

A atividade demonstrou que a percepção dos jovens sobre o bairro Simões Lopes é marcada por limites simbólicos e físicos, em especial a linha férrea, que para muitos define o “fim” do bairro. A Estação Férrea, embora fisicamente vinculada à sua origem, é interpretada por parte dos alunos como estando fora dos limites territoriais, o que problematiza sua integração com a memória local.

Os trilhos do trem foram reconhecidos como o principal elemento de delimitação, enquanto o canal da Santa Bárbara, apesar de expressivo na paisagem, não foi considerado limite. O uso das cartas e dos pins adesivos permitiu identificar ausências (lazer, segurança, infraestrutura) e também presenças simbólicas (casa, castelo, estação). As respostas sobre “onde levar alguém especial” reforçam a importância de marcos patrimoniais como o Castelo e a própria Estação, ainda que esta seja vista como exterior, revelando tensões entre memória, pertencimento e espacialidade. O estudo confirma a eficácia da metodologia participativa para compreender a leitura que os jovens fazem do espaço vivido, apontando a necessidade de incluir suas percepções em processos de planejamento urbano e de valorização patrimonial.

5. REFERÊNCIAS

BICCA, Renan Rosso. O bairro Simões Lopes, Pelotas/RS: morfogênese e planos urbanos (1914-1972). 2021. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2021.

LAMAS, J. M. R. G. Morfologia urbana e desenho da cidade. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

SCHMITZ, P. O espaço urbano ferroviário no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013.